



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

NÁDIA AVELINO DE CARVALHO

**ROTINA DAS MULHERES QUE TRABALHAM COM CONFECÇÃO DURANTE E
APÓS A EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID – 19**

Caruaru

2023

NÁDIA AVELINO DE CARVALHO

**ROTINA DAS MULHERES QUE TRABALHAM COM CONFECÇÃO DURANTE E
APÓS A EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID – 19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Administração do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em administração.

Área de concentração: Estudos Organizacionais

Orientadora: Prof^ª Dra. Denise Clementino de Souza

Coorientadora: Mariana Patrícia de Lima

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Carvalho, Nádía Avelino de.

ROTINA DAS MULHERES QUE TRABALHAM COM CONFECÇÃO
DURANTE E APÓS A EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID - 19 / Nádía
Avelino de Carvalho. - Caruaru, 2024.

44 : il., tab.

Orientador(a): Denise Clementino de Souza

Coorientador(a): Mariana Patricia de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Administração, 2024.

Inclui referências, apêndices.

1. Administração. 2. Confeções. 3. Mulheres. 4. Divisão sexual do trabalho. 5.
Agreste das confeções. I. Souza, Denise Clementino de . (Orientação). II. Lima,
Mariana Patricia de . (Coorientação). IV. Título.

350 CDD (22.ed.)

NÁDIA AVELINO DE CARVALHO

**ROTINA DAS MULHERES QUE TRABALHAM COM CONFECÇÃO DURANTE E
APÓS A EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID – 19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de administração do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel/licenciado em
administração.

Aprovado em: 14/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Denise Clementino de Souza (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Mariana Patrícia de Lima (Examinador Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª Dra. Aline Fabia Guerra de Moraes (Examinador Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª M.Sc. Juliette Ione Santana de Siqueira (Examinador Externa)
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, por me dar a vida e em sua infinita bondade guiar todos os meus passos até aqui, gostaria de agradecer a minha família, em especial a minha mãe e irmão, pelo incentivo e conselhos. Estendo meus agradecimentos também a todos os meus colegas de turma, destacando o bonde de tia Gil, obrigada por toda paciência, apoio, conselhos, consolo e gargalhadas.

Gostaria de agradecer a todo corpo docente, de maneira especial a minha orientadora, a Profª Dra. Denise Souza e a minha coorientadora Mariana Lima, por todo empenho e dedicação para o desenvolvimento deste trabalho. A toda banca avaliadora pela disponibilidade.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar as transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19. Para isto, foi utilizada a abordagem qualitativa do tipo exploratória-descritiva, com a realização de 15 entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram analisadas através da análise de narrativa inspirada em Czarniawska (2000), que envolve as fases de explicação, explanação e exploração do material. Os resultados evidenciaram mudanças significativas no perfil das mulheres envolvidas nas feiras de confecção na região do Agreste, notando-se avanço no nível de escolaridade das mesmas. Além disso, constataram-se mudanças tanto positivas quanto negativas no âmbito doméstico e produtivo das mulheres no Calçadão durante e após o período de pandemia, sendo as questões psicológicas/sentimentais e financeiras as mais mencionadas pelas entrevistadas. Por fim, os impactos causados pela pandemia ainda se fazem presente na vida de parte das entrevistadas, que lidam com os desafios de superá-los até os dias atuais. Os achados apresentados nesta pesquisa auxiliam órgãos públicos e privados a elaborarem programas de apoio às mulheres proprietárias de boxes do calçadão contemplando até mesmo outros proprietários de pequenos negócios presente no Agreste das Confecções que ainda estão se recuperando da difícil fase da pandemia, fornecendo apoio de profissionais qualificados que possam ajudar a minimizar e superar os prejuízos adquiridos.

Palavras-chave: Gênero; Pandemia do covid-19; Agreste das Confecções; Calçadão Miguel Arraes. Trabalho.

ABSTRACT

This work aims to analyze the transformations that occurred in the routine of women who produce and sell clothing on Calçadão Miguel Arraes de Alencar in the city of Santa Cruz do Capibaribe – PE during and after the isolation period of the covid-19 pandemic. For this, a qualitative exploratory-descriptive approach was used, with 15 semi-structured interviews carried out. The interviews were analyzed through narrative analysis inspired by Czarniawska (2000), which involves the phases of explanation, explanation and exploration of the material. The results showed significant changes in the profile of women involved in clothing fairs in the Agreste region, with an increase in their level of education. Furthermore, both positive and negative changes were noted in the domestic and productive spheres of women at Calçadão during and after the pandemic period, with psychological/sentimental and financial issues being the most mentioned by the interviewees. Finally, the impacts caused by the pandemic are still present in the lives of some of the interviewees, who deal with the challenges of overcoming them to this day. The findings presented in this research help public and private bodies to develop support programs for women who own boardwalk boxes, including other small business owners present in Agreste das Confecções who are still recovering from the difficult phase of the pandemic, providing support from professionals. qualified professionals who can help minimize and overcome the losses incurred.

Keywords: Gender; Covid-19 pandemic; Agreste of Clothing; Calçadão Miguel Arraes. Work.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Visão externa do Calçadão Miguel Arraes de Alencar	20
Figura 2 –	Ambiente interno do Calçadão Miguel Arraes de Alencar.....	21

LISTA DE SIGLAS

ALEPE	Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco
CLT	Consolidação das Leis de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
PIB	Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	PERGUNTA DE PESQUISA	11
1.2	OBJETIVOS	12
1.3	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1	PANDEMIA DA COVID-19 E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	13
2.2	A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.....	15
2.3	AGRESTE DAS CONFECÇÕES E AS MULHERES NO TRABALHO LOCAL.....	17
2.3.1	<i>Calçadão Miguel Arraes De Alencar.....</i>	20
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1	TIPIFICAÇÃO DA PESQUISA	22
3.2	DESCRIÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA	22
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA	22
3.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	23
3.5	PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	23
3.6	ANÁLISE DOS RESULTADOS	23
3.7	ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA	24
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
4.1	PERFIL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA	25
4.2	MUDANÇAS QUE OCORRERAM NA ROTINA DE TRABALHO DAS MULHERES DO CALÇADÃO MIGUEL ARRAES DE ALENCAR DURANTE E APÓS O PERÍODO DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID-19	27
4.3	IMPACTOS CAUSADOS AS MULHERES DO CALÇADÃO MIGUEL ARRAES DE ALENCAR DURANTE A EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID-19 E QUE AINDA PERSISTEM NO TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO NO PÓS-PANDEMIA.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.	42

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, todo o mundo sofreu e ainda sofre os impactos causados pelo novo coronavírus (covid-19) - causador de uma pandemia iniciada por volta de dezembro 2019 e decretada fim pela Organização Mundial de Saúde (OMS) somente em maio de 2023 - que ocasionou restrições e mudanças em toda sociedade, já que diversas áreas e setores econômicos foram impactados, tais como: as fábricas, estabelecimentos comerciais, instituições de ensino e os próprios lares que precisaram se adaptar rapidamente as restrições impostas para diminuição do contágio (Bernardes; Silva; Lima, 2020).

A pandemia do covid-19, resultou no fechamento temporário de muitos estabelecimentos como mencionando anteriormente, abrangendo desde a paralização das grandes indústrias, até as famosas feiras/comércios de confecção que ocorrem na região do Agreste das confecções, em espaços conhecidos como o Parque das feiras (Toritama-PE), Polo de Caruaru (Caruaru-PE), Moda Center Santa Cruz e Calçadão Miguel Arraes (ambos em Santa Cruz do Capibaribe - PE) que estiveram fechados por longos meses.

Foi através do decreto Nº48.809 emitido dia 14 de março de 2020 pela Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE), que declarou em seu “Art 3º - C. Ficam suspensas as atividades de Negócios da Confecção nos estabelecimentos de natureza pública ou privada, localizados nos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama”¹, no qual proibiu a realização de trabalhos presenciais na região do Agreste pernambucano em ambientes públicos.

Cabe mencionar que território conhecido como Agreste Pernambucano da confecção é uma região famosa pela produção e comercialização de peças de vestuário a um preço baixo, os municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, destacam-se nesta região ao compor também o Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco (Bezerra, 2012).

Ademais, as mulheres, são as protagonistas no processo de formação e consolidação do Polo de Confecções, e a mão de obra feminina está fortemente presente na localidade até os dias atuais (Milanês, 2015; Espírito Santo, 2012).

¹<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=6&numero=48809&complemento=0&ano=2020&tipo=&url=#:~:text=3%C2%BA%2DC.,18%20de%20mar%C3%A7o%20de%202020.>

Neste contexto atípico da pandemia, as rotinas das pessoas foram completamente reconfiguradas devido a necessidade de isolamento social, isso obrigou os indivíduos a se afastarem dos seus locais de trabalho presencial (exceto os trabalhadores que exerciam funções consideradas essenciais, a exemplo área de saúde, alimentação, combustíveis, entre outros), para estarem exclusivamente dentro das suas casas (Costa, 2021).

Desse modo, as medidas restritivas provocaram mudanças não apenas nas relações entre indivíduo e modo de trabalho como também na questão família (Lemos; Barbosa; Monzato, 2021). Já que as residências foram transformadas em um local não apenas reservado à família e descanso, mas também ao trabalho (Bitarães; Teodoro, 2022), realizando o *home office* (trabalho remoto realizado dentro do próprio lar) e o trabalho a domicílio, produzindo as peças em casa, situação essa que em alguns casos já acontecia.

Ao abordar o lar, ressalta-se a persistente divisão sexual do trabalho presente nesse espaço. Onde frequentemente, a responsabilidade pelo cuidado com o lar e familiares recai sobre as mulheres, que são muitas vezes encarregadas de realizar as atividades de limpeza, organização do espaço e preparo das refeições. Além disso, elas muitas são as únicas responsáveis pela educação dos/as filhos/as e o cuidado dos idosos (Hirata; Kergoat, 2007).

Neste cenário, busca-se compreender transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19. Questiona-se como ficou a rotina das mulheres da confecção durante esse período de emergência sanitária, quais mudanças que houveram no ambiente doméstico ou nas responsabilidades já lhe eram atribuídas como os cuidados com o lar.

1.1 PERGUNTA DE PESQUISA

Quais foram as transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19?

1.2 OBJETIVOS

A seguir serão expostos o objetivo geral e os objetivos específicos, os quais são elementos determinantes para a análise do estudo.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar as transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19.

1.2.2 Objetivos específicos

- Traçar o perfil das mulheres que trabalham na produção e venda das peças no Calçadão Miguel Arraes;
- Identificar as mudanças que ocorreram na rotina de trabalho dessas mulheres durante e após o período de emergência sanitária do covid-19.
- Observar as mudanças geradas no ambiente doméstico dessas mulheres durante e após o período de isolamento social.
- Verificar se os impactos causados às mulheres durante a emergência sanitária do covid-19 ainda persistem no trabalho produtivo e reprodutivo no pós-pandemia.

1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Devido a pandemia do covid-19 que atingiu todo o mundo e as restrições estabelecidas pela OMS, e pelos governadores de cada estado do Brasil a fim de evitar a propagação do vírus, foi necessário em alguns casos ocorrer uma adaptação “forçada” seja na forma e/ou ambiente que o trabalho era normalmente executado.

Observa-se que as temáticas apresentadas neste trabalho de conclusão de curso ainda não foram tratadas nas publicações nacionais até o presente momento. Visto que

em buscas recentes realizadas em bancos de dados como: Scielo, Periódicos Capes, Spell, Google Acadêmico e Scopus, não foram encontrados estudos que analisam as transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19, especialmente no Calçadão Miguel Arraes de Alencar localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE.

Pretende-se com a realização deste trabalho trazer contribuições para a área acadêmica e também à sociedade. Visando compreender as possíveis mudanças que tenham ocorrido na vida das mulheres no espaço público de trabalho e também em seu ambiente doméstico, especialmente na esfera familiar. Deixando visível os impactos da pandemia para vida destas empreendedoras do Agreste nas diversas áreas de sua vida.

O estudo proporciona avanços na literatura, referente ao trabalho das mulheres no Agreste das confecções, os impactos da covid-19 no trabalho e rotinas das pessoas, além disso, analisar a rotina destas mulheres durante e após a pandemia da covid-19, pode trazer importantes resultados que venham a ser utilizados como fonte de inspiração para criação de estratégias e políticas públicas para região do Agreste, que ajudem as mulheres a enfrentarem com uma maior facilidade os problemas sanitários que possam ocorrer, como a exemplo os surtos de outras doenças. Uma possível ação seria o distanciamento mínimo entre um boxes e outro, para evitar o contato com outras pessoas e o contágio, que foi um dos maiores medos das mulheres na retomada do trabalho presencial.

A pesquisa em questão irá contribuir para os achados acadêmicos de futuros estudos na região do agreste pernambucano e no trabalho das mulheres, além contribuir para o desenvolvimento de ações que auxiliem as mulheres a superarem os desafios que foram impostos pela covid-19 no seu dia a dia e que se estenderam até os próximos anos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PANDEMIA DA COVID-19 E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

A pandemia da covid-19 teve início no final do ano de 2019, mas somente em março de 2020 a OMS reconheceu o contexto como uma pandemia. Isso ocorre quando uma doença está presente em todos os continentes do planeta e pode ser adquirida entre as pessoas (Lima; Buss; Paes-Sousa, 2020). Com a adoção das medidas de restrições na busca de diminuir o contágio, impostas pelos governos ao redor do mundo, que envolveu

o distanciamento social, isolamento social e fechamento de fábricas, estabelecimentos comerciais, instituições de ensino, a medida resultou em queda no faturamento em diversos setores, como: educação, turismo, economia criativa, moda e beleza (Bernardes; Silva; Lima, 2020).

Notou-se com as medidas restritivas mudanças nas relações entre trabalho e família, na qual profissionais e familiares, ao buscarem se adaptar à nova realidade, que envolveu trabalhos domésticos intensificado devido à ausência dos serviços habitualmente contratados; escolas e universidades passaram a ter o conteúdo ministrado através de plataformas digitais exigindo maior disciplina do estudante; os encontros sociais e as atividades físicas passaram a ser feitos à distância (Lemos; Barbosa; Monzato, 2021).

Logo, a obrigatoriedade do isolamento social em casa levou as pessoas a mudarem suas formas de fazer coisas cotidianas, como estudar, adquirirem produtos e serviços e explorar novas opções de entretenimento através do meio remoto, a internet (Rezende *et al.*, 2020).

Nesse difícil cenário, homens e mulheres sentiram de forma distinta. Enquanto muitas mulheres tiveram a possibilidade de trabalhar em *home office*, dentro do seu próprio lar e em companhia dos filhos, sentem a pressão em conciliar o trabalho anteriormente realizado em outro ambiente com as tradicionais atividades domésticas, que anteriormente era realizado por terceiros (Zanello *et al.*, 2022), ou seja, possivelmente uma doméstica ou diarista ou até familiar que lhe auxiliava. Logo, evidencia-se a sobrecarga para mulher quando se refere às atividades domésticas, sendo então um dos mais visíveis impactos sociais para mulheres, especialmente as mães e esposas.

Assim, as mulheres sentiam-se impedidas de serem protagonistas dos seus trabalhos no confinamento, que as mantinham dentro das suas residências, vivenciando os dissabores do ser mulher e mãe (Macêdo, 2020). Por outro lado, a maioria dos homens não sentem nesse quesito, visto que as atividades de cuidado, família e lar são atribuídas em sua maioria a figura feminina (Zanello *et al.*, 2022; Macêdo, 2020)

Ciente que nem todas as mulheres tiveram o privilégio de permanecer isoladas e trabalhando dentro das suas casas, e cuja necessidade de sustento fala mais alto, era necessário sair de suas casas e trabalhar mesmo com risco de contaminação de si e da sua família (Zanello *et al.*, 2022).

A pandemia causou impactos negativos aos negócios voltados para confecção, o desempenho das vendas do varejo de tecidos, vestuário e calçados (-39,6%) foi a principal influência no campo negativo na composição da taxa do comércio varejista nacional, na comparação com março de 2019 (Teixeira; Borsari, 2020). Com queda no faturamento no setor têxtil e de confecções de 77% (Bernardes; Silva; Lima, 2020). De modo geral, esse contexto não foi diferente para as mulheres que atuam no agreste pernambucano de confecções.

Diante das inúmeras transformações que ocorreram em diversos contextos da sociedade: político, econômico, cultural, modelos de negócios, produção e consumo, relações interpessoais, entre outros. A pandemia provocou uma desaceleração da economia e das atividades empresariais, levando muitas empresas a reduzir suas operações ou interrompê-las completamente devido às restrições sanitárias. Isso, por sua vez, resultou em mudanças substanciais no comportamento dos consumidores e na forma como os negócios se posicionam no mercado (Silva *et al.*, 2023).

Durante o período de isolamento social, novos hábitos e padrões de consumo foram desenvolvidos e adaptados para essa nova realidade. A internet, o e-commerce emergiu como uma ferramenta vital para as empresas se manterem operando, lucrando e garantindo que seus produtos chegassem aos consumidores finais (Silva *et al.*, 2023).

2.2 A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

No período da primeira guerra mundial (1914-1918), fica visível o aumento da presença da mulher nos diferentes setores da economia, como o primário, o secundário e o terciário, participando não só no espaço rural, como também na indústria e na prestação de serviços (Amaral, 2012).

O ingresso da mulher no mercado de trabalho é marcado com o início da revolução industrial, o enfrentamento de dificuldade financeiras entre as famílias, influenciou no processo de busca das mulheres por trabalho como forma de contribuir com a renda familiar, responsabilidade até então do homem, assim adentraram no mundo do trabalho, e passaram a desempenhar atividades dolorosas e ainda mal remuneradas (Girão, 2001). A ida de seus maridos e filhos para a guerra, fez com que a mulher desempenhasse o papel de provedor do lar.

A globalização, perturbadora e contraditória, afetou o trabalho de homens e mulheres na década de 1990. Enquanto o emprego masculino foi reduzido ou paralisado,

a liberalização do comércio e o desenvolvimento da competição internacional levaram a um aumento do emprego e dos empregos assalariados femininos ao nível mundial (Hirata, 2002).

Esta maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho não significa uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas; as mulheres dedicam mais tempo a essas atividades do que os homens. Essa atribuição feminina, de assumir as responsabilidades pelos afazeres domésticos, desenvolvido culturalmente, tem sido usado como argumento para a precarização do trabalho feminino, diante da admissão de mulheres com jornadas de trabalho longas e salário reduzido (Neves; Pedrosa, 2007).

Em pleno século XXI as mulheres continuam ganhando um salário inferior aos dos homens, independentemente do seu nível de instrução, tempo de trabalho ou da função; excessiva, há uma luta para que as diferenças entre os gêneros venham sendo reduzida, assim já se percebe a flexibilização das atividades, que atingem os homens, e da permanência das mulheres em cargos mais elevados na hierarquia organizacional e também melhor remunerados (Bruschini; Lombardi, 2003; Bruschini *et al.*, 2008).

Há autores que destacam que a elevação do nível de escolaridade pode ser vista como um ponto chave para que as mulheres possam conquistar maior espaço no mercado de trabalho e assumir cargos elevados como gerência (Amaral, 2012). Embora, estudos mostram que mesmo que as mulheres possuam níveis de escolaridade mais altos que os homens, nos setores formal e informal da economia, trabalham em posições mais precárias e instáveis, de modo especial no mercado informal, que é o setor da economia que não oferece nenhum direito ou garantia aos colaboradores (Neto; Costa; Helal, 2016). Assim, a igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho ainda não se faz presente plenamente.

A desigualdade entre os gêneros, pode ser melhor compreendida com a divisão sexual do trabalho, que diz respeito a uma segmentação sexual do mercado de trabalho, uma das diversas inclinações da desigualdade de gênero que, das mais variadas formas e graus, tem se definido como um fenômeno histórico nas diversas sociedades ao decorrer do tempo (Neto; Costa; Helal, 2016).

A exemplo, na sociedade a mulher recebe responsabilidades diferentes do homem que ao longo da história é tratada como algo natural. Como normalizar a conciliação das demandas do trabalho com as atividades domésticas que são desempenhadas em sua

maior parte por mulheres (Amaral, 2012). Dessa maneira, tanto o trabalho doméstico quanto de cuidado é tratado como uma responsabilidade exclusiva da mulher (Melo; Melo, 2022).

O envolvimento dos homens nas atividades domésticas acontece sempre como uma ajuda e não como divisão igualitária das tarefas. A ajuda por parte dos companheiros é mais intensa no período noturno. No entanto, em algumas situações esse trabalho mais atrapalha, do que de fato ajuda no âmbito doméstico (Bezerra, CortelletI, Araújo, 2021).

Em 2022, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, a população com 14 anos ou mais de idade no Brasil dedicava, em média, 17 horas por semana a afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas. No entanto, essa média apresenta uma notável disparidade entre os gêneros. As mulheres dedicavam, em média, 21,3 horas semanais a essas tarefas, enquanto os homens dedicavam, em média, 11,7 horas por semana (Agência IBGE, 2022).

Essa diferença reflete padrões tradicionais de gênero que ainda persistem na distribuição de responsabilidades domésticas e de cuidado no país. Vale ressaltar que a quantidade de tempo gasto nessas atividades pode variar amplamente entre famílias e indivíduos, sendo influenciada por diversos fatores sociais, culturais e econômicos. Podendo isso, ser uma possível explicação para os resultados inferiores apresentados no Nordeste sobre a participação dos homens nos afazeres domésticos (Agência IBGE, 2022).

2.3 AGRESTE DAS CONFECÇÕES E AS MULHERES NO TRABALHO LOCAL

A região do Agreste pernambucano das confecções, hoje, é famosa pela produção e comercialização de peças de vestuário a baixo custo. Destacam-se na região os municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, regiões que compõem o Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco e apresentam os melhores desempenho na produção da chamada Feira da Sulanca (Bezerra, 2012). Os três municípios compõem o chamado triângulo das confecções que se destacam no território nacional. A exemplo, Santa Cruz que já foi segundo maior produtor de confecções do Brasil, ficando atrás apenas da cidade de São Paulo (Queiroz, 2016).

A atividade produtiva de confecção na região tem início em 1950, século XX. Foi devido à crise na produção de algodão em Pernambuco que famílias enfrentam

dificuldades em sobreviver da agricultura e decidem migrar da zona rural para as cidades. Aos que persistiram em continuar na região a confecção de roupas derivada de retalhos da indústria local, foi visualizada pelas mulheres como uma maneira de gerar renda para sua família, assim iniciou a produção da Sulanca (Melo, 2016).

A origem da sulanca, está associada ao trabalho artesanal, as costureiras, que produziam colchas, lençóis e roupas infantis. Que iniciaram as produções utilizando as máquinas caseiras de costurar e os conhecimentos repassados por familiares (Bezerra, 2012). A sulanca ficou conhecida pela produção das peças de retalhos de baixa qualidade e custo para atender as necessidades das famílias locais que adquiriram relevância no comércio ao longo dos anos (Bezerra, 2011).

Na região do Agreste, destaca-se a iniciativa feminina, com intensa participação das mulheres, oposta à dos homens. A medida que os homens que perderam os empregos começaram a entrar neste setor produtivo. Mesmo com preconceito por parte dos mesmos em relação ao trabalho com a costura. Hoje eles já representam um número significativo no mercado (Milanês, 2015; Espírito Santo, 2012).

Uma forte característica da região referente a produção das peças é voltada para o uso do trabalho a domicílio, este realizado majoritariamente por mulheres, por ser um modo de trabalho intensivo em mão de obra que permite a conciliação (pelas mulheres) do trabalho remunerado com os serviços domésticos (Bezerra, 2012).

O processo de confecção, é facilitado pelo fato de constituírem partes do processo produtivo intensivos em mão-de-obra, que faz uso de equipamentos simples, possibilita transporte e a terceirização. Além disso, as habilidades necessárias à execução das tarefas são na maior parte adquiridas pelas mulheres através do processo de coletividade e de formação de gênero no próprio lar (Araújo; Amorim, 2002). Visto que o trabalho com a costura está alinhado com outras atividades, no contexto das “prendas domésticas” que fazem parte da criação das mulheres e que combinam com a “educação para o lar” (Nunes; Campos, 2006).

As mulheres acompanham as novas formas de designação e necessidades de satisfação pessoal que vão surgindo no decorrer das suas vidas, como a necessidade material de se transformar a fim de ter maiores recompensas monetárias (Losada; Rocha-Coutinho, 2007).

A rotina de trabalho das costureiras é exaustiva, envolve uma média de 12 horas por dia ou enquanto aguentar. Este trabalho produtivo ainda é alternado com os afazeres

domésticos, e, nas épocas de maior produção, trabalham nos finais de semana (Neves; Pedrosa, 2007).

Os contratos informais, o pagamento por peças produzidas, a contratação temporária em períodos de maior demanda e outros procedimentos que bem configuram a chamada precarização nas relações de trabalho são, portanto, tacitamente aceitas pelas trabalhadoras no setor, sendo até consideradas vantajosas em virtude das condições socioculturais que articulam trabalho doméstico e trabalho domiciliar (Nunes; Campos, 2006).

Mesmo diante das condições de trabalho, da instabilidade e falta de direitos trabalhistas, as mulheres ainda optam pelo trabalho em casa (Araújo; Amorim, 2002). O trabalho realizado dentro do seu lar ou nas facções, dificulta a fiscalização e avaliação da qualidade de trabalho, bem como da identificação e extinção de possíveis abusos sofridos pela mulher neste trabalho (Pereira; Prado; Linke, 2021).

Destaca-se que as mulheres que são mães e esposas, o trabalho remunerado no espaço público (fora de casa), torna-se um impedimento para que essas mulheres exerçam seus outros papéis de maneira plena. Assim, o trabalho no próprio domicílio possibilita a inserção dessas mulheres e costureiras no mundo do trabalho remunerado (Bezerra, 2011). Logo, o trabalho formal, realizado dentro de grandes indústrias de confecção, torna-se improvável de ser assumido por muitas mulheres que precisam conciliar suas responsabilidades com filhos, marido e lar.

Outra característica importante a ser relatada sobre o mercado de confecções do Agreste diz respeito ao baixo nível de escolaridade presente nos trabalhadores e o saber compartilhado através das gerações e prática (Souza, *et al.*, 2020; Martins, Sá, Souza, 2020).

Alguns fatos que levaram a entrada dos homens no setor de produção de confecções é a ausência de cargos em outros setores geralmente ocupados pelo gênero masculino, como também ao fato da remuneração monetária na costura ser superior ao ganho em outras atividades na mesma região, além do desemprego. Apesar da remuneração ser calculada por peças produzidas, o que faz com que os homens tenham um maior rendimento. Dessa maneira, as mulheres acabam, recebendo uma remuneração menor do que seus colegas do sexo masculino, por terem que dividir o seu tempo com outros afazeres (Bezerra, Cortelleti, Araújo, 2021).

2.3.1 Calçadão Miguel Arraes de Alencar

O Calçadão Miguel Arraes de Alencar é um centro de compras popular que está localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. O município é conhecido pela atividade confeccionista típica da região, popularmente conhecida pela geração de trabalho e renda para a população local e suas famílias (Queiroz, 2016).

A estrutura do centro de compras é recente, oriunda do desenvolvimento da confecção em Santa Cruz do Capibaribe e diversas transformações estruturais ocorrida no município, como o desenvolvimento e crescimento da feira de rua, na qual foi necessário o deslocamento da feira do centro da cidade para o ambiente mais adequado, surgindo então o Moda Center Santa Cruz (espaço privado) e por trás, ao fundo estava presente a Feira do Poeirão (atual Calçadão) (Souza, 2022), com os comerciantes que não conseguiram comprar uma loja ou box (Lima; Carvalho; Souza, 2021).

O Poeirão permaneceu por cerca de dez anos em atividades, os comerciantes trabalhavam em condições precárias, até que em 2014 governo do estado e municipal juntam forças e propõe a construção de um novo espaço o Calçadão de Confecções Miguel Arraes, com uma área total de 25.276 m², e investimento de cerca de 15 milhões de reais (Souza, 2022), conforme figura 1.

Figura 1. Visão externa do Calçadão Miguel Arraes de Alencar (visão aérea)



Fonte: Blog da polo (2022a)

O novo espaço possui uma área coberta dividida em três módulos, com as seguintes cores: azul, branco e verde. A estrutura conta com um total de 3.480 boxes, 62 lojas, 48 banheiros, 48 pontos na praça de alimentação, iluminação e área de estacionamento de 7.800 m² (Queiroz, 2016).

Figura 2. Ambiente interno do Calçadão Miguel Arraes de Alencar



Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Capibaribe (2019)

Os(as) proprietários(as) de negócio neste estabelecimento são caracterizados(as) como mão de obra desqualificada, de baixa escolaridade e, em sua maioria, estão inseridos(as) no setor informal da economia (Queiroz, 2016).

O aprendizado prático predomina entre os indivíduos que comercializam nesse local, que através do compartilhamento de conhecimento de geração em geração, de maneira empírica e coletiva, torna-se possível diminuir as lacunas presentes pelo baixo nível de escolaridade e especialização da população local (Lima; Carvalho; Souza, 2021). É nesse cenário que a pesquisa será realizada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo. Na qual, a pesquisa é classificada inicialmente pela natureza, métodos, objetivos e procedimentos técnicos. Em seguida, é apresentado o local e aos sujeitos da pesquisa, bem como as técnicas utilizadas na coleta, processamento e análise dos dados.

3.1 TIPIFICAÇÃO DA PESQUISA

O estudo faz uso da abordagem qualitativa de natureza exploratória, que faz uso de informações primárias obtidas através de entrevistas semiestruturadas. Nesse sentido, são utilizadas revisões de literatura e levantamentos de experiências dos sujeitos para proporcionar compreensão do tema e familiaridade com o problema. Além disso, o estudo também é descritivo na medida em que busca identificar e caracterizar fenômenos, levando em consideração a interpretação e comparação dos dados (Gil, 2008).

3.2 DESCRIÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA

O *locus* deste estudo é o Calçadão Miguel Arraes de Alencar, localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, estado de Pernambuco. Sendo a terceira maior cidade da região do Agreste Pernambucano quando analisada a área territorial de 335,309 km² (IBGE, 2021a), além disso o município apresenta como população estimada 87.582 habitantes (IBGE, 2021b)

O PIB per capita da cidade foi de R\$ 14.680,05, segundo os últimos dados do IBGE correspondentes ao ano de 2019, resultado que reforça a importância do município para economia do estado de Pernambuco, em que ocupa a posição 18^o no total de 185^o cidades de Pernambuco (IBGE, 2019).

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos de pesquisas, foram 15 mulheres que produzem e comercializam suas peças em pequenos *boxes*, também chamados de bancos que estão concentrados no espaço de feira livre no Calçadão Miguel Arraes de Alencar.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi classificada como informações primárias, ou seja, dados originalmente obtidos pelo(a) pesquisador(a), e as entrevistas foram utilizadas como instrumentos de pesquisa. Essa técnica combina perguntas abertas e fechadas, nas quais os informantes têm potencial para discutir os temas levantados (Boni; Quaresma, 2005). E trataram das seguintes categorias: perfil do negócio, rotina de trabalho durante e após o período de pandemia do covid-19 e perfil das entrevistadas. O roteiro de entrevista, bem como suas categorias e perguntas que o compõem podem ser visualizadas no Apêndice A

3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu de forma presencial no dia 04 de agosto de 2023 durante o dia de feira (sexta-feira) no Calçadão Miguel Arraes em dia de feira (sexta-feira) na cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

Foram entrevistadas quinze mulheres que trabalham no local, a escolha delas ocorreu de forma aleatória conforme a disponibilidade para serem entrevistadas no momento, ou seja, priorizou-se as mulheres que não estivessem realizando sem atendimentos aos clientes, vendas.

No processo foram coletadas indicações das entrevistadas para outras futuras entrevistadas que também trabalham no local, ampliando assim a quantidade de sujeitos da pesquisa. Por fim, as conversas foram gravadas por meio de um aplicativo de áudio com consentimento prévio das entrevistadas para, em seguida, serem transcritas e interpretadas.

Um fator limitante para esta pesquisa, foi a indisponibilidade das mulheres para participarem da entrevista, pois muitas estavam ocupadas organizando seus boxes ou atendendo clientes e tinham como participar da entrevista, já que era difícil parar para responder as perguntas. Isso refletiu no número pequeno (15) de entrevistadas e dificultou a realização de entrevistas mais profundas.

3.6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas foram analisadas com base na técnica de análise de narrativa, que possibilita uma exploração profunda e contextualizada das histórias contadas por indivíduos ou grupos. Para isto, foram seguidas as orientações de Czarniawska (2000) de como realizar a análise de narrativa. São três etapas a serem realizadas:

- **Explicação:** examinamos o processo de criação das histórias;
- **Explicação:** realizamos a interpretação, análise e desmontagem das histórias;
- **Exploração:** construímos a narrativa com base na história.

Em cada estágio, selecionamos os segmentos mais relevantes das histórias, que contemplava a realidade da maioria das entrevistadas, trazia ricos detalhes e auxiliava a construção da análise da discussão dos resultados

3.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

Para realização desta pesquisa adotou-se alguns aspectos éticos e legais, para garantir o anonimato das participantes da pesquisa e não acarretar prejuízos ou efeitos negativos às entrevistadas. No primeiro contato com os sujeitos de pesquisa no campo de estudo, foi informado sobre o objetivo da pesquisa, papel da pesquisadora e participação voluntária, assim as entrevistadas ficaram à vontade para desistir durante a entrevista caso não se sentissem à vontade. Posteriormente ao aceitar participar, inicia-se a gravação da entrevista, na qual foi registrada inicialmente a autorização concedida pelas participantes e a garantia de anonimato. Diante disso, são utilizados termos como E1, E2... e E15 para se referir a cada uma das 15 entrevistas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Um dos primeiros objetivos específicos destacados nesta pesquisa foi o de traçar o perfil das mulheres que trabalham na produção e venda das peças no Calçadão Miguel Arraes. E para obter essas informações foi inserido nos questionários questões referentes ao perfil das entrevistadas, que engloba idade, cor/raça, estado civil, escolaridade, cidade que reside, número de filhos(as) e tempo de trabalho na confecção.

Das 15 mulheres entrevistadas, 5 delas têm 29 anos, a maior parte (7) estão concentradas na faixa de 30 anos e apenas 3 estão com 40 anos ou mais. No que diz respeito à cor/raça das mulheres, a maioria se declarou como mulheres pardas (7), seguida das brancas (6), e negras (2) que representou minoria. Em relação ao estado civil, há um maior número de solteiras (8), mas também há um número considerável de casadas (5) e separadas (2).

Quanto à escolaridade das mulheres, nota-se uma elevação dos níveis educacionais da maioria das entrevistadas, na qual apenas 2 não completaram o Ensino Fundamental, por outro lado 6 possuem ensino médio completo, 2 chegaram a ingressar na faculdade, mas não concluíram o curso, e 5 finalizaram o ensino superior, destacando que entre essas 2 ainda realizaram uma pós graduação. Essa elevação é percebida quando comparamos com os resultados dos estudos de Souza, et al. (2020) e Martins, Sá, Souza (2020) que apontaram o baixo nível de escolaridade presente nos trabalhadores e o saber compartilhado através das gerações e prática.

Sobre a cidade que residem atualmente as mulheres que trabalham no calçadão Miguel Arraes de Alencar, localizado em Santa Cruz do Capibaribe. Observa-se que a maioria delas, ou seja, 10 das 15 mulheres entrevistadas residem em Santa Cruz do Capibaribe, município que é conhecido pela atividade confeccionista conhecida pela geração de trabalho e renda para a população local e suas famílias como Queiroz (2016) nos mostra, as demais mulheres residem em outros municípios do estado de Pernambuco, a exemplo Brejo da Madre de Deus e Frei Miguelinho. Apesar do destaque na participação do Agreste das confecções ficar com as cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru como mostra Bezerra (2012), as cidades da região e até de outros estados tem participação no setor de confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar.

Em relação às mulheres entrevistadas que são mães, identificam-se que 12 das 15 entrevistadas são mães, sendo que a maior parte (8) possuem apenas um(a) filho(a), (3) delas têm dois/duas filhos(as) e apenas (1) entrevista possui três filhos(as) sendo esse o número máximo de filhos(as) relatados pelas mulheres que compõem essa pesquisa. Ainda nesse contexto, encontrou-se 3 mulheres que informaram não ter filhos(as). E das 15 entrevistadas, 10 delas têm filhos menores de 18 anos.

Por fim, quando analisado o tempo de confecção das mulheres entrevistadas, constata-se que 7 trabalham com a confecção a menos de 3 anos, ingressando nesse setor durante ou pós pandemia do covid-19, no momento que muitas mulheres que trabalhavam no CLT tiveram o salário reduzido, mais uma vez as mulheres viram na confecção um oportunidade de gerar renda para a sua família como Bezerra (2011) relata ao afirmar que a sulanca ficou conhecida pela produção das peças para atender as necessidades das famílias locais e adquiriram relevância no comércio ao longo dos anos. Outras 5 mulheres relataram trabalhar com a confecção entre 4 e 9 anos, e 3 há 10 anos ou mais, ou seja, essas mulheres já estavam inseridas no setor antes do início da pandemia. Os resultados obtidos foram destacados no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Perfil das entrevistadas do Calçadão Miguel Arraes de Alencar

Entrevistada	Idade	Cor/raça	Estado Civil	Escolaridade	Cidade onde reside	Nº filhos	Tempo na confecção
E1	46	Parda	Casada	Ensino médio completo	Santa Cruz do Capibaribe	1 18 anos	6 anos
E2	34	Branca	Solteira	Ensino médio completo	Santa Cruz do Capibaribe	0	10 anos
E3	33	Negra	Casada	Ensino superior completo	Santa Cruz do Capibaribe	1 4 anos	3 anos
E4	34	Branca	Solteira	Ensino médio completo	Frei Miguelinho	1 10 anos	8 anos
E5	37	Parda	Casada	Ensino fundamental incompleto	Santa Cruz do Capibaribe	4 7 anos 9 anos 15 anos 17 anos	8 anos
E6	29	Branca	Solteira	Ensino superior completo	Santa Cruz do Capibaribe	0	2 anos
E7	45	Parda	Casada	Ensino fundamental incompleto	Santa Cruz do Capibaribe	1 9 anos	3 anos

E8	31	Parda	Solteira	Ensino médio completo	Santa Cruz do Capibaribe	2 2 anos 8 anos	10 anos
E9	37	Branca	Casada	Ensino médio completo	Riacho de Sto. Antônio	2 1 ano 3 anos	10 anos
E10	52	Branca	Casada	Ensino superior completo	Santa Cruz do Capibaribe	2 22 anos 27 anos	20 anos
E11	29	Parda	Casada	Ensino superior completo	Santa Cruz do Capibaribe	1 9 anos	6 meses
E12	27	Casada	Parda	Ensino médio completo	Barra de Santana	1 4 anos	2 anos
E13	29	Casada	Parda	Ensino superior completo	Brejo da Madre de Deus	0	3 anos
E14	30	Separada	Branca	Ensino superior incompleto	Santa Cruz do Capibaribe	1 10 anos	7 anos
E15	29	Separada	Negra	Ensino superior incompleto	Brejo da Madre de Deus	1 4 anos	3 anos

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa (2023).

4.2 MUDANÇAS QUE OCORRERAM NA ROTINA DE TRABALHO DAS MULHERES DO CALÇADÃO MIGUEL ARRAES DE ALENCAR DURANTE E APÓS O PERÍODO DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID-19

Com o aumento de casos de covid-19 no Brasil em 2020, vários setores da economia foram atingidos pela suspensão de suas atividades, inclusive o de confecção do Agreste Pernambucano. A (ALEPE) decretou medidas preventivas e essas medidas impactaram diretamente na vida das mulheres que comercializam seus produtos na feira do Calçadão Miguel Arraes em Santa Cruz do Capibaribe.

Investigando as possíveis mudanças, provocadas na rotina dessas mulheres durante esse período delicado, notou-se inicialmente a presença de sentimentos/sensações de incerteza, estresse e insatisfação com tudo que vinha ocorrendo, especialmente diante da proibição sobre o trabalho presencial nas feiras, que afetou tanto o emocional, quanto no modo de trabalho e renda individual e/ou familiar.

A questão emocional foi notada na fala das entrevistadas E1, E5, E7 e E10, que citam respectivamente a incerteza, insatisfação, medo e estresse. A entrevista 1 menciona que *“No começo foi bem complicado, porque a gente [feirantes] ficou numa incerteza*

né?! Ai fechou tudo, o comércio, aí a gente que não vendia muito online, vendia mais presencial [...]”, evidenciando sua insegurança e as consequências da paralisação do trabalho, as vendas presenciais que era o forte do seu negócio.

O medo e a incerteza sobre o futuro do seu trabalho foram pontos marcantes nas falas das entrevistas, a E7 em especial relatou como se sentiu durante esse período:

Fiquei bastante abalada, além da questão de não está trabalhando, a questão do medo da doença e muita incerteza né?! A questão de como a gente ia viver ser trabalhar né?! Quanto tempo ia durar tudo aquilo? Foi muito difícil. E7

Assim, o novo cenário exigiu das mulheres uma adaptação/inação sobre seu trabalho, ampliando seus olhares para novas formas de vendas que poderia surgir com as redes sociais, mas apenas 7 das 15 entrevistas (E1,E4,E6,E8,E10 e E13), relataram aproveitar o momento difícil e de afastamento da feira presencial para adentrar ou intensificar a presença de seus produtos através das vendas online nas redes sociais. Fazendo deste meio uma ferramenta importante para enfrentamento do período delicado, principalmente no quesito econômico como fala a entrevista 8 “[...] *gente não podia vir para cá [Calçadão], não podia sair para vender e também não podia sair para entregar, então ficou só nas vendas online, fazia a venda online e entregava em alguns pontos de coleta [...]*, esse foi o meio encontrado por muitas para seguir trabalhando e lucrando durante a pandemia. Essa realidade também é apresentada por Zanello *et al.* (2022), quando mostra a situação de alguns trabalhadores que para manterem o sustento da família, não conseguiram se isolar e tiveram que sair de suas casas para trabalhar.

A pandemia trouxe diversos prejuízos para a vida das pessoas, de modo especial, impactando a renda individual e familiar das mulheres do Calçadão. Apesar do misto de sentimentos de medo e incerteza, resolveram arriscar e se reinventarem criando outras trabalho/comércio que permitisse a aquisição de dinheiro para a família, amenizar os impactos provocados pelo isolamento social.

Durante a pandemia, parte das mulheres conseguiram reinventar e expandir os negócios já existentes, vendo na nova situação uma maneira de crescer o seu empreendimento e o tornar mais conhecido, como conta o depoimento de uma das nossas entrevistadas 6.

Quando a pandemia chegou a gente estava bem no início da confecção, então, estava bem parado, a gente tentando conseguir freguês e na pandemia foi onde a gente cresceu, a empresa de um *boom* de vendas e tal, pelo menos financeiramente foi legal. E6

Relatos como o da entrevistada 6, mostram uma realidade diferente da relatada por Bernardes, Silva e Lima (2020), que relata a baixa de 77% no faturamento do setor têxtil e de confecção.

Apesar das diversas histórias de superação e reinvenção, boa parte das entrevistadas relatam a dificuldade de manter seus negócios ou até mesmo de iniciar um negócio novo, como menciona a entrevistada 13: *“Infelizmente não tinha como, é porque eu só trabalho com isso, aí como fechou, não tinha outra possibilidade da gente fazer outra coisa.”*

Podemos observar ainda no relato das empresárias que não conseguiram manter seus negócios ativos no início, mas que ao decorrer do tempo e com a ajuda de pessoas próximas, se reergueram dando um exemplo de superação.

Não, não tinha como, por que eu estava começando ai não tinha cliente online, essas coisas, estava bem no começo, bem no começo mesmo, então foi bem difícil, depois com alguns meses na frente q a gente começou com a parte da tecnologia, essa minha cunhada vendia online e ela vendeu pra mim, aí comecei a vender através dos clientes dela. E7

Esse relato corrobora com o depoimento de outras entrevistadas que trabalham a mais tempo no Calçadão, mas que não exploravam o ambiente digital para desenvolver sua empresa: *“Busquei sim, no começo não. Mas depois eu busquei [iniciei] a fazer as vendas online.”* E4. O uso do meio digital como uma forma de driblar os efeitos da pandemia, trouxe muitos ensinamentos para as entrevistadas e elas mantêm até os dias atuais, *“O comércio online, as vendas online, as vendas online começaram na pandemia e hoje elas permanecem, elas continuam.”* E1, evidenciando uma popularização na região das redes sociais como *Facebook, Instagram e WhatsApp*, as vendas online se somam às vendas presenciais que retornaram após a pandemia. O estudo de Silva *et al.* (2023) traz essa adaptação, das vendas presenciais para o online, nesse período da pandemia e mostra o quão fundamental foi o uso dessa ferramenta no comércio em geral.

Quanto a rotina das mulheres do Calçadão durante a pandemia, notou-se uma variação que envolve uma intensa jornada de trabalho aquelas que mantiveram suas atividades comerciais através das redes sociais e uma ausência aquelas que por algum motivo não adentraram nesse meio e foram obrigadas a parar por logo período de tempo sua produção, ficando sem desenvolver atividades produtivas, Zanello *et al.*, (2022) ainda alerta ao difícil cenário onde homens e mulheres sentiram de forma diferentes, onde muitas tiveram a possibilidade de trabalhar em *online*, dentro do seu próprio lar e conciliando com as tradicionais atividades domésticas.

As que adentram no mercado digital receberam uma série de novas demandas para realizar, evidenciando uma rotina intensa e produtiva de trabalho, isso trabalhado em casa, dentre as diversas tarefas/responsabilidade estava “*organizar catálogo e tal, tem q ir na loja de pano, porque assim, a gente resolvia tudo online*” E6.

As que não aderiram a nova forma de comércio, tiveram suas atividades profissionais completamente paralisadas enquanto o Calçadão estava fechado, como como apontou a entrevistada E12 “*Foi só ficar em casa mesmo, cuidar da casa, tenho uma criança, durante a pandemia eu não costurava, não fazia nada*”. Essas mulheres ficaram entre 1 ano e 1 ano e 6 meses sem trabalhar, até que ocorresse o retorno presencial e seguro do trabalho no Calçadão.

Nesses achados houveram as mulheres que paralisaram por completo suas atividades (E2, E3, E4, E5, E7, E9, E12 e E15) e as que paralisaram parcialmente por um período mais curto (2 a 6 meses) como foi o caso das entrevistadas (E1,E6,E8,E10,E13 e E14).

A entrevistada E6 relata como foi esse processo:

No início, a gente ficou 3 meses, depois começou essa questão de abrir o Moda Center, aí a gente vinha fazer a entrega. Os ônibus vinham e ficavam estacionados aqui de frente ao Moda Center, no estacionamento interno, a gente formava filas e ia despachando os pacotes e eles entregavam o comprovante de recebimento. E6

Com as diminuições das restrições, e abertura gradual do comércio, foi possível ocorrer o retorno das atividades comerciais do Calçadão, permitindo às mulheres retornarem aos seus postos de trabalho presencialmente, que são os boxes/bancos da feira localizado no Calçadão. Esse momento foi visto por grande parte das entrevistadas como algo tão delicado quanto o afastamento tido no início da pandemia.

O **retorno** e as questões envolvidas nele, foram diferentes para aquelas que paralisaram seu trabalho (vendas e produção) totalmente para aquelas que foram parcialmente (por um tempo) e em seguida adentraram ao mercado online.

É possível notar a questão de reconquistar os clientes como uma dificuldade enfrentada pelas aquelas que paralisaram por completo suas as atividades durante a pandemia, como foi o caso da entrevistada 14 quando relata “*O maior desafio, eu acho que é estabelecer contato com os clientes novamente, ter os tempos de voltar né? Que foi o tempo parado*”. Em decorrência do tempo que as mulheres pararam de vender, seus

clientes que por sinal não pararam de comprar, buscaram outros fornecedores de confecção.

As questões emocionais que se fizeram presente no início da pandemia reaparecem quando houve o retorno quando houve o retorno das atividades presenciais, o sentimento medo é destaque nesse retorno:

O mais difícil foi retomar, voltar a trabalhar com o presencial, por conta do medo, das contaminações, a gente que trabalha com o público em geral, tinha gente do Brasil todo, as vezes até de fora, aí a gente tinha contato com muita gente o Brasil inteiro visita e vem aqui, aí quando a gente voltar, você fica com medo de ser contaminado por a quantidade de gente que circula, aqui é um polo comercial, aqui circula gente do Brasil todo, então o fluxo de vírus vem de todos os lugares. E1

Além do sentimento do medo de como seria a nova maneira de viver a vida, o receio em se contaminar, as mulheres também tiveram que lidar com as incertezas sobre diversas questões profissionais e/ou pessoais, como é relatado pela entrevistada 8:

O fato da gente poder voltar as nossas atividades normais, o fato de você reconstruir sua mente depois da pandemia, antes da pandemia você tem uma visão e hoje depois da pandemia você tem outra, financeiramente, questões de trabalho, questões pessoais, em afeto, tudo [mudou].E8

Ao longo das entrevistas é possível notar que as mulheres que trabalham com confecção no Calçadão, enfrentam o desafio de conciliar as mais diversas atividades, como: cuidar dos filhos, arrumar a casa, produzir as peças, cozinhar, entre tantas outras dentro de um único espaço de tempo, ou seja, não separam um tempo específico para realizar uma determinada tarefa. Essa situação já foi apontada em estudos anteriores, realizados antes da pandemia (Souza; Lima; Lima, 2023), e os resultados expostos neste estudo reforçam os achados que falam das múltiplas tarefas realizadas pelas mulheres ao decorrer do dia. A entrevistada 12 relata isso ao afirmar que:

É bem corrido meu trabalho, porque assim, porque quando eu faço, digamos assim, quando é de manhã eu vou levar a minha menina na escola, quando chego vou costurar e já coloco o almoço no fogo, aí a gente também mora no sítio, aí a gente tem gado, porco, galinha aí também tem que dividir o tempo para isso, tem queijo é bem corrido. Não posso nem te dizer que é metade e metade, porque sei nem como é que fica não, é tudo junto. E12

As mulheres sobrecarregam ainda mais, porque além de produzirem e venderem as confecções, ainda trabalham com outras atividades que geram renda para a família como no caso da entrevistada E12, que além do trabalho com confecção, ainda trabalha com a pecuária, criando alguns animais. Nos estudos de Bezerra (2012), evidencia a

realidade vivenciada por muitas mulheres que trabalham na confecção, que são envolvidas pela sobrecarga do trabalho - a responsabilidade da fabricação e vendas das peças, os cuidados com o lar realizado especialmente por elas- que se assemelha aos nossos achados.

A rotina conturbada confirma a dupla jornada de trabalho, que pode até se tornar uma múltipla jornada, onde a pausa para o descanso praticamente inexistente “24 horas, 24 horas por dois [trabalhos – casa e costura /venda], não consigo separar não todo o momento eu tô fazendo os dois.” E3 e “É tudo junto, a gente não separa não porque a gente é dona de casa e trabalha lá[em casa] que tem a facção. E9”. Essa rotina de vários afazeres sobrecarrega as mulheres, como Zanello *et al.* (2022) relata em sua pesquisa.

Questionadas sobre se receberam algum tipo de ajuda/colaboração no trabalho que fazem tanto na costura quanto no lar. A grande maioria das mulheres afirmam que não têm ajuda, seja de um companheiro, membro familiar ou um colaborador/a externo quando se trata do trabalho produtivo e doméstico. Porém, uma minoria declarou receber ajuda de colaboradores/as quando se trata da produção das peças e ajuda do companheiro ou um membro familiar nos trabalhos domésticos, como evidencia a entrevista 7: “*Meu marido, principalmente da minha família.*” Esse apoio por parte da família parte de parentes próximos, como irmãos/ãs, pais, primos/as. A situação confirma o que Bezerra, Cortelleti e Araújo (2021) mostram em sua pesquisa, informando que o companheiro ajuda nas tarefas, mas não se responsabiliza totalmente.

4.3 IMPACTOS CAUSADOS ÀS MULHERES DO CALÇADÃO MIGUEL ARRAES DE ALENCAR DURANTE A EMERGÊNCIA SANITÁRIA DA COVID-19 E QUE AINDA PERSISTEM NO TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO NO PÓS-PANDEMIA

No que se diz respeito a perdas e prejuízos, um aspecto que ganhou muita visibilidade e gerou uma grande preocupação, foi a questão financeira durante a pandemia a entrevistada 1 relata que enfrentou um período difícil “*Chegou contas a atrasar, a gente ficar num desespero muito grande*”. Com as mudanças que estavam sendo passadas pela sociedade, a população tendo que se isolar de em suas casas, muitos comércios e empresas no geral adotando o trabalho de *home office* ou chegando fechar as portas, já era possível

visualizar os impactos financeiros. Esse fato colabora para os achados de Rezende *et al.* (2020), que aponta essa adaptação das atividades presenciais para o online.

Levando em conta que a circulação de dinheiro depende do trabalho da população e o mesmo foi fortemente impactado pela pandemia da covid-19, principalmente pela medida restritiva em que fez a população se isolar trazendo consequências como a redução de salários, perda de investimento, redução no valor faturado da empresa entre outras situações como conta a entrevistada 3 “*O prejuízo financeiro né?! Quem trabalhava investindo perdeu muita coisa, quem trabalhava no CLT [carteira registrada/assinada] teve que parar, reduzir salário*”. Vivenciando situações como essa que levaram algumas mulheres a tomar atitudes drásticas e terem que escolher entre gastarem o dinheiro que ainda tinham em comprar o necessário para a sobrevivência e/ou pagar as contas, como a entrevistada 11 contou “*ai atrasamos as contas, os cartões e mais depois a gente se recuperou*”.

Um marco na recuperação financeira das mulheres que trabalham com confecção foi a reabertura do estacionamento do Moda Center, o fato foi motivo de alegria e muita comemoração, pois as mulheres viram ali uma esperança de voltarem aos tempos “normais” e o retorno das vendas presenciais, com isso voltarem a ter um fluxo de caixa efetivo, que conseqüentemente tirariam elas do aperto financeiro.

Na pandemia, só no começo, nos dois primeiros meses assim deu aquela parada mesmo, ai a gente não tinha de onde tirar, o Calçadão fechado, aí quando o Moda center começou a abrir só para fazer as entregas, aí foi onde a gente começou a vender mesmo é a ter um fluxo de dinheiro, mas acho que nos dois primeiros meses foi zerado assim, não entrava só saía, aliás, só saía não entrava. E13

Quando a renda vinda da confecção não era suficiente para garantir o bem estar das mulheres que trabalham no Calçadão, elas precisaram recorrer a pessoas próximas como o companheiro e os pais, que tinham uma fonte de renda que não dependia da confecção, para garantir o próprio sustento financeiro e conseguir se manter do básico, como conta, “*Meu marido trabalhava mais também ficou parado, a gente ficou praticamente vivendo do salário dele e o auxílio que eu tirava.*” E7 O auxílio financeiro em questão, foi um programa do governo federal para reduzir as perdas financeiras das famílias.

Pode-se observar ainda a ação adotada por quem tinha uma reserva financeira. As mulheres que tinham essa reserva usaram o dinheiro guardado no período de isolamento social para manterem seus gastos e de suas famílias, como menciona a entrevista 1.

Porque que queira ou que não queira, se você tinha uma renda guardada pra alguma necessidade, você a usou na pandemia e não conseguiu repor, então você tá trabalhando para vê se consegue respirar um pouco melhor na parte financeira, ela tá, a gente ainda vai empurrar um bom tempo.

Um outro impacto apontado pelas entrevistadas foi o psicológico, gerado a partir do isolamento social e todas as suas consequências, negativas geradas por ela, como a perda de parentes e entes queridos pelo covid-19 que abalou o emocional das pessoas que vivenciaram essa situação de perto com uma pessoa próxima. Além da angústia pela perda, essas mulheres lidam com o sentimento de incapacidade, ao ver seus especiais internados, com dificuldades para respirar, e o que era uma pessoa saudável de repente morre com uma nova doença. A entrevistada 7 conta que o maior prejuízo foi a perda da mãe: *“Um outro prejuízo foi a perda da minha mãe, porque esse aí não tem valor, e financeiro não se compara”* E7.

A entrevistada 3 conta que ninguém teve a mesma vida de antes da pandemia no pós pandemia: *“Além dos prejuízos psicológicos, eu acho que depois da pandemia não teve ninguém viveu normal, ninguém vive mais normal”*

A vida das mulheres que trabalham com confecção passaram por uma forte mudança, acostumadas com a rotina movimentada e em constante contato com muitas pessoas, de uma hora para outra se viram dentro de suas casas, convivendo apenas com os demais moradores da residência, sem visitar. A entrevistada 13 conta que *“O maior desafio foi ficar em casa, ficar em casa sem vê a família, sem vê ninguém, vendo só pelo celular, fazendo só vídeo chamada, acho que o maior desafio foi esse e não saber o que iria acontecer”*. A necessidade de ter que ficar em casa, de acordo com Macêdo (2020) mostrou que as mulheres perderam a sensação de serem protagonistas nos seus trabalhos na confecção.

Essas mudanças fizeram as mulheres perceberem a importância e sentirem falta das pequenas atividades que passavam despercebidas na correria do dia, como viajar, comprar, levar os filhos na escola, ir ao Calçadão trabalhar, como a entrevistada 15 relatou, esse recolhimento foi desafiador *“O maior desafio mesmo, foi querer viajar com o meu filho e não poder, que não é uma coisa que seja demais né?! Somente, tem a*

questão que eu gosto de trabalhar, aí ficar em casa não é bom não”, as mulheres passaram a sentir falta da rotina atribulada de tarefas. Um dos motivos que levam as mulheres a trabalharem no setor de confecção é justamente poder ter vários tipos de recompensas como a monetária, como aponta Losada, Rocha-Coutinho (2007), esse tipo de recompensas que faz com que as mulheres realizem esses sonhos.

Durante o período de isolamento social as mulheres passaram a dedicar mais tempo ou até mesmo ser a única responsável por realizar atividades domésticas e de cuidado com os outros moradores, como por exemplo seus filhos. A entrevistada 12 conta que *“A minha rotina durante a pandemia foi só ficar em casa mesmo, cuidar da casa, tenho uma criança, durante a pandemia eu não costurava, não fazia nada”*, nesse relato é perceptível que as mulheres tiveram que se dedicar integralmente às atividades de cuidado, seja, casa ou pessoas do convívio. O tempo dedicado aos cuidados com as demais pessoas que ainda conviviam era o que equivalia ao tempo gasto na confecção, Neves e Pedrosa (2007) conta que, as mulheres chegavam a usar entre 12h por dia para o trabalho com a confecção.

No período de isolamento social alguns clientes dessas mulheres não as localizaram no meio online, conheceram outros vendedores, o que fez as vendas caírem consideravelmente, como conta a entrevistada 5 ao relatar que *“Assim, falando hoje no meu caso, tá parecido, porque assim tá franco as coisas, assim dá para se manter, mas não vende quanto antes da pandemia”*. Com as vendas em baixa, essas mulheres buscam manter as vendas online, trabalhando virtual e presencialmente, para manterem seus negócios de pé e gerarem renda para suas famílias, porém, não deixam de sentir um certo desânimo no recomeço.

Outro ponto de dificuldade no período pós pandemia que é relatado pelas entrevistadas é o aumento do preço da matéria prima para confecção e outros produtos como alimentos e material de higiene, após o retorno completo das atividades comerciais, como aponta a entrevista 1:

O pior foi o aumento das coisas, as coisas começaram a aumentar muito, pela falta de trabalho nos locais, então, aumentou de tudo, aumentou demais o preço das coisas, aí já vinha com uma dificuldade de vendas, aí paralisou tudo, a quando juntou virou uma bola de neve que a gente ainda tá tentando sair dela.

Esse aumento no preço dos materiais usados para produzirem as peças teve que ser repassado para o produto final, esse acréscimo no valor final do produto e tido como

o ponto chave para as vendas terem diminuído, os compradores estariam em busca de preços bem baixos.

Quadro 2. Impactos da pandemia na vida das mulheres que trabalham no Calçado Miguel Arraes de Alencar.

ASPECTOS IMPACTADOS	IMPACTOS
FINANCEIRO	<ul style="list-style-type: none"> ● Redução de renda; ● Atraso de contas; ● Cortar gastos e reduzir despesas; ● Contar com ajuda de terceiros; ● Usar reserva financeira; ● Recuperação e aumento de renda.
PSICOLÓGICO	<ul style="list-style-type: none"> ● Muitas mudanças; ● Misto de sentimentos negativos (medo, incerteza, ansiedade, angústia...); ● Perda de familiares e amigos; ● Isolamento social.
SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> ● Isolamento social; ● Perda de clientes; ● Novas formas de trabalho; ● Novas maneira de se relacionar.

Como toda experiência tem dois lados, tanto positivo como também o negativo, com a pandemia não foi diferente, a pandemia serviu para aprender muitas coisas, a respeito das mais diversas questões e temas, sejam elas físicas, emocionais, financeiras, empreendedoras, entre tantas outras, como a entrevistada 9 conta *“No meu psicológico, mas financeiramente não, entendeu? No meu psicológico melhorou demais, eu sou outra pessoa, a gente aprendeu com isso daí, entendeu? mas no meu psicológico melhorou, mas em questão financeira não”*. Com vários aprendizados na bagagem para serem levados na vida e com uma visão diferente do modo de viver e do ambiente onde se está, alguns pontos considerados positivos pelas mulheres que trabalham com confecção no Calçado Miguel Arraes de Alencar se mantêm até os dias de hoje.

A relação com a família, a importância de conviver bem e em harmonia com o núcleo familiar é um ponto considerado positivo, fazendo com que as mulheres levem esse aprendizado e o coloque em prática nos dias atuais buscando relações mais empáticas

e saudáveis, além da preocupação em manter um contato estreito com as pessoas especiais:

Positivo? Não sei dizer se foi positivo, porque foi mais desgraça, mas eu acho que o tempo em família sabe? Reflexão, tipo tempo de você fazer uma autoanálise do seu trabalho, planejar melhor, trouxe essa vantagem, de está mais próximo da família, de se planejar mais, acho que teve essa visão aí. E2

As mulheres que trabalham com confecção usam a mente para reconstruir e se erguem novamente, a entrevistada 8 conta que *“O fato de você reconstruir sua mente depois da pandemia, antes da pandemia você tem uma visão e hoje depois da pandemia você tem outra, financeiramente, questões de trabalho, questões pessoais, em afeto, tudo.”* a mudança de mentalidade fez as mulheres verem a vida com outros olhos.

Os pontos negativos, que foram perdas de entes queridos em decorrência da doença covid -19 como conta a entrevistada 4 *“eu também perdi parentes”*. Além do sentimento de perda provocado pela morte precoce de familiares e amigos próximos, as mulheres trazem para os dias de hoje um abalo emocional muito grande devido a mistura de sentimentos como a entrevistada 14 relata *“Foi um pouco difícil né para tudo mundo, mas, mas nem sei mulher como foi (fala emocionada) foi um misto de sentimento, sem saber como ia ser, como é que ia ficar, se o comércio ia voltar novamente como era antes”*.

A pandemia mostrou as mulheres que trabalham com confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar que elas são fortes. A entrevistada 12 afirma que, outras mulheres também compartilham do mesmo sentimento dela, que é o sentimento de conquista por terem passado por essa experiência e ainda estarem nos dias de hoje em pé: *“Acho, com certeza, que não só para a minha, mas para de muitos, que a vida não pode parar, que infelizmente as pessoas que perderam vão ter que continuar, a vida não para”* E12. A pandemia despertou nelas um sentimento de conquista e perseveraram que irá acompanhá-las por muitos e muitos anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou analisar as transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na

cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19.

Foram diversas as mudanças e os impactos que a pandemia da covid - 19 causou na vida das mulheres que trabalham com confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar destaca-se: o financeiro, social e psicológico, que foram fortemente abalados e que trazem marcas das mudanças até os dias de hoje e que prometem durar muitos anos.

Com o fechamento do comércio, as mulheres proprietárias de boxes no centro de compras que foi campo para a realização da pesquisa, responderam de diferentes formas ao fechamento do seu ponto de venda, uma parte paralisou a produção e venda por completo ocasionando perda de renda e uma outra parte buscou adentrar no meio online usando as redes sociais para comercializarem suas peças, mantendo seu trabalho e fonte de renda, inclusive citam terem obtido maiores faturamentos.

As questões psicológicas que envolvem sentimentos e sensações de medo da contaminação e incertezas (ansiedade) quanto ao futuro se fizeram presente na vida das mulheres, desde o início da pandemia, como também durante a diminuição das medidas de restrições, que envolveram a volta das atividades comerciais no centro de compras e as demais atividades presenciais que as mulheres participavam antes da pandemia.

No que diz respeito à rotina doméstica, observa-se que, as mulheres que já apresentam uma rotina de trabalho intensa e repleta de afazeres, a maior parte dessas atividades são desenvolvidas no próprio lar. As mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia, continuaram desenvolvendo as atividades produtivas em suas casas e seguiam repletas de trabalho. Já as que paralisaram suas atividades, seguiram dedicadas ao trabalho doméstico. Ressalta-se que as mulheres que produziram também realizavam as tarefas de casa, acumulando várias funções e algumas contava com ajuda de outras pessoas para realizá-las, como por exemplo mãe e marido, mas essas pessoas nunca tinham a total responsabilidade com os afazeres domésticos, ficando uma função única da mulher.

Apesar dos passos lentos, nota-se uma busca insistente das mulheres em se recuperar da fase de pandemia, no que diz respeito à rotina, ao trabalho e a questões pessoais e até mesmo financeiras que foram impactadas durante essa difícil fase.

A respeito do desenvolvimento de pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do locus de pesquisa, contemplando também as mulheres proprietárias de negócios de confecções que se fazem presentes nos municípios de Caruaru e Toritama, locais de

grande importância para região do Agreste. É possível ampliar a análise, ao englobar os homens proprietários de negócios de confecções, trazendo uma comparativa entre as mudanças/impactos experimentados por eles e pelas mulheres. As mudanças nas configurações familiares ocorreram durante a pandemia, como funcionou o conceito família. Pode-se estudar se a rotina dessas mulheres durante a pandemia seria a mesma se fossem ou não mães.

Por fim, o presente trabalho também evidencia o uso e o avanço do mercado online para comercializar produtos das confecções, novas pesquisas podem surgir nesse sentido, avaliando de modo mais profundo as mudanças que essa nova ferramenta provoca na região do Agreste, que tipicamente é conhecida pelas feiras presenciais. Vale a pena explorar a inclusão digital que ocorreu com essas mulheres.

A pesquisa contribui com os estudos voltados para o Agreste das Confecções, dando visibilidade ao trabalho das mulheres e o contexto de pandemia, gerando avanço na literatura. Ao mesmo tempo fornece informações que pode ser utilizada por órgão públicos e privados para elaboração de programas de apoio às mulheres proprietárias de boxes do Calçadão Miguel Arraes de Alencar contemplando até mesmo outros proprietários de pequenos negócios presente no Agreste das Confecções que ainda estão se recuperando da difícil fase da pandemia, fornecendo apoio de profissionais qualificados que possam ajudar a minimizar e superar os prejuízos adquiridos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. A. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, v. 8, n. 2, 2012.

BERNARDES, J. R.; SILVA, B. L. S.; LIMA, T. C. F. Os impactos financeiros da Covid-19 nos negócios. **Revista da FAESF**, v. 4, 2020.

BEZERRA, Elaine; CORTELETTI, Roseli de Fátima; ARAÚJO, Iara Maria de. Relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do Nordeste. **Caderno CRH**, v. 33, 2021.

BEZERRA, E. M. E os agrestes se unem: relação de trabalho e gênero no Pólo de Confecções do Agreste de Pernambuco e no Cariri paraibano. In: **XV Ciso Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais**, 2012, Teresina. Anais do 15º Ciso. V. 1. 2012.

BEZERRA, E. M. **O trabalho a domicílio das mulheres do cariri paraibano no pólo de confecções do agreste de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, p.147, 2011.

BITARÃES, A. C. O; TEODORO, M. C. M. Mulheres e Pandemia: A insustentabilidade produtiva, reproduzível e ecológica do modelo atual. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 106–123, 2022. DOI: 10.14393/RFADIR-v49n2a2021-62851. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/62851>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 15-33, 2008.

CZARNIAWSKA, B. The Uses Of Narrative In Organization Research (GRI Report, No. 2000: 5). **Gothenburg University: Gothenburg Research Institute, School of Economics and Commercial Law**, v. 4, p. 18, 2000.

COSTA, C. L. Feminismos, pandemia e trabalho: Reflexões sobre o cotidiano de mulheres no Brasil em tempos de Covid-19. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 309-324, 2021.

ESPÍRITO SANTO, W. R. Memórias de Família: a costura de vestuário e outros ofícios em Caruaru-PE. **ILUMINURAS**, v. 13, n. 30, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRÃO, I. C. C. **Representações sociais de gênero: suporte para as novas formas de organização do trabalho**. 2001. 130f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos pagu**, p. 139-156, 2002.

IBGE. Santa Cruz do Capibaribe. População, 2021b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>. Acesso em: 18 nov. 2022.

IBGE: Santa Cruz do Capibaribe. Economia, 2021a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>. Acesso em: 18 nov. 2022.

IBGE: Santa Cruz do Capibaribe. Território e Ambiente, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>. Acesso em: 19 out. 2022.

LEMOS, A. H. C.; BARBOSA, A. O.; MONZATO, P. P. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021.

LIMA, N. T.; BUSS, P.M; PAES-SOUSA, R.A. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cadernos de Saúde Pública**, v.36, p. e00177020, 2020.

LIMA, M. P. ; CARVALHO, D. A. ; SOUZA, D. C. . Mulheres proprietárias de pequenos negócios informais no maior Polo Comercial de Confeccões do Agreste Pernambucano: O Moda Center de Santa Cruz do Capibaribe. **Boletim Econômico**. CAA/UFPE & CORECON-PE. Edição 10, Outubro 2021. 2021.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, v. 12, p. 493-502, 2007.

MARTINS, T. L. D. ; SA, M. G. ; SOUZA, D. C. As Diferenças Disposicionais na Relação entre o Público Lojista e a Administração de um Centro de Compras no Agreste Pernambucano. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, p. 1-14, 2020.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

MELO, H. P.; MELLO, S. C. Notas sobre o trabalho das mulheres em tempos de pandemia: respostas e impasses. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.

NEVES, M. A.; PEDROSA, C. M. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**, v. 22, p. 11-34, 2007.

PEREIRA, T. C.; PRADO, T. S; LINKE, P. P. A diversidade da força de trabalho: a mulher e a exploração da força de trabalho no setor de moda. **Revista Unifamma**, v. 20, n. Edição Especial, 2021.

REZENDE, A. A.; MARCELINO, J. A.; MIYAJI, M. A reinvenção das vendas: as estratégias das empresas brasileiras para gerar receitas na pandemia de covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 6, p. 53-69, 2020.

SILVA, W. M. da; MORAIS, L. A. de; FRADE, C. M. .; PESSOA , M. F. . Digital marketing, E-commerce and pandemia: a bibliographic review on the brazilian panorama . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e45210515054, 2021.

SOUZA, D. C.; LIMA, M. P.; LIMA, C. A. S. Process of (Re)Organization of Productive and Reproductive Work of Women in Confection. **Journal of Contemporary Administration**, p. e220292, 6 Sep. 2023.

SOUZA, D. C.; MARTINS, T. L. D.; PAIVA, R. D. S.; SA, M. G. Caracterização do público lojista de um centro de compras no agreste das confecções: tendências

disposicionais e tensões administrativas. **ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE (ONLINE)**, v. 27, p. 182-198, 2020.

SOUZA, E. L. Calçadão de Confecções Miguel Arraes, Santa Cruz do Capibaribe-PE: formação e dinâmicas espaciais. 2022.

TEIXEIRA, M.; BORSARI, P. Mercado de trabalho no contexto da pandemia: a situação do Brasil até abril de 2020. **Campinas: Unicamp**, 2020.

ZANELLO, V.; ANTLOGA, C.; PFEIFFER-FLORES, E.; RICHWIN, I. F.. Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Essa pesquisa faz parte do meu trabalho de conclusão do curso de Administração da Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste. O trabalho tem como objetivo “Analisar as transformações que ocorreram na rotina das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19”. Sua participação no trabalho é voluntária. Neste estudo é garantido o anonimato das entrevistas, a gravação que será realizada é utilizada para facilitar o processo de coleta das informações, sendo restrito o acesso apenas a pesquisadora, asseguramos que nenhum prejuízo será gerado com essa pesquisa, que tem apenas finalidades acadêmicas.

Ciente dessas informações, você concorda em participar da pesquisa e me autoriza gravá-la?

Perfil do negócio

- 1) Qual seu nome?
- 2) Você produz as peças, terceiriza parte do processo ou só vende?
- 3) A quanto tempo está nesse ramo?
- 4) Conte um pouco como você ingressou na confecção.

Rotina de trabalho durante e após o período de pandemia do covid-19

- 1) Conta um pouco sobre sua rotina no período da pandemia do Covid-19, especialmente o período de isolamento social. Você conseguiu trabalhar neste período (vender e produzir)? Ficou em casa por quanto tempo?
- 2) Fala um pouco sobre seus sentimentos no período de pandemia (preocupação, medo etc.). Você chegou a se contaminar com o vírus ou algum parente/amigo próximo?
- 3) Conviveu com alguém que atuou na linha de frente ou que fazia parte do grupo de risco?
- 4) Fala sobre seus prejuízos econômicos durante a pandemia. O que você fez para minimizar seus prejuízos? Buscou inovar de alguma forma? (novos produtos, forma de vendas, redes sociais etc.). Tinha alguma outra fonte de renda além da confecção?
- 5) Quais foram seus desafios enfrentados durante a pandemia?
- 6) Quais foram as principais diferenças entre sua rotina de trabalho, casa e família na pandemia e pós-pandemia? Em quais delas você sentiu mais sobrecarregada, por quê? Algumas destas mudanças permanece até hoje? Quais?
- 7) A pandemia trouxe algum ponto positivo para o seu trabalho com a confecção? Quais?
- 8) Você cuida ou cuidou de alguma criança, idoso, deficiente durante a pandemia ou hoje? Fale um pouco sobre suas responsabilidades e como lida com essa demanda diárias?
- 9) Quanto tempo a senhora dedica ao trabalho na confecção e quanto tempo as demais atividades do lar e lazer?
- 10) Teve ou tem ajuda de alguma pessoa para realizar as tarefas domésticas durante a pandemia e agora? (As casadas ou mães perguntar se o marido ou filho ajuda nessas tarefas caso não mencionem na fala).
- 11) Por fim, gostaria de saber se caso eu tenha alguma dúvida sobre alguma resposta ou tenha esquecido de lhe fazer alguma pergunta teria como entrar em contato com você? Poderia fornecer algum número para contato?

Perfil da entrevistada

- 1) Qual sua a idade?

- 2) Qual a sua cidade natal?
- 3) Qual cidade você mora atualmente?
- 4) Qual sua escolaridade ou até que série você estudou?
- 5) Qual o seu estado civil?
- 6) Tem filhos(as)? Qual idade?
- 7) Você possui alguma deficiência?
- 8) Como você se considera quanto a sua raça/cor (branca, preta, pardo, amarela, indígena ou outros)?

Obrigada por ter aceito participar desta pesquisa e por disponibilizar parte do seu tempo!